Recebido em: 30/05/2019
Aceito em: 31/10/2019

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 32 No. 2 2019 Edição Especial: Museu Nacional (Volume 1)

ARTIGO

CACHIMBOS BRANCOS DA REGIÃO DO VALONGO: O CACHIMBO COSMOPOLITA NO RIO DE JANEIRO OITOCENTISTA

Sarah de Barros Viana Hissa*, Tania Andrade Lima**

RESUMO

Os cachimbos de caulim recuperados nas escavações do Cais do Valongo / Cais da Imperatriz e suas imediações foram atribuídos, na sua quase totalidade, ao século XIX. Foram utilizados e descartados no entorno e nas proximidades do cais, região portuária caracterizada por grande diversidade étnica. Tais pitos atestam a inserção do Rio de Janeiro, recém liberto das práticas monopolistas de Portugal, em uma economia cada vez mais global, na qual o trânsito de pessoas e mercadorias vindas de diferentes pontos era particularmente intenso. Nesse cenário, foi observada a predominância da fabricação francesa nos cachimbos de caulim encontrados, coerente com o que ocorreu na indústria e comercialização desses objetos no resto do mundo. Considerando as informações arqueológicas e alguns dados históricos sobre importação e venda de cachimbos no Rio de Janeiro, especula-se a respeito dos contextos em que eles podem ter sido utilizados, nessa cidade, nos oitocentos.

Palavras-chave: Cachimbos de caulim; Cais do Valongo/Cais da Imperatriz; Século XIX.

* Doutora em Arqueologia (Museu Nacional/UFRJ) e mestre em Antropologia, linha de pesquisa Arqueologia Histórica (UFMG). Pós-doutoranda no PPGAN/UFMG. E-mail: sarah.hissa@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1623-8737.

** Professora do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. E-mail: talima8@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0500-6028.

DOI: https://doi.org/10.24885/sab.v32i2.700

ARTICLE

WHITE CLAYS AND VALONGO WHARF REGION: COSMOPOLITAN TOBACCO PIPES AT EIGHTEENTH CENTURY RIO DE JANEIRO

ABSTRACT
White clay tobacco pipes recovered from Valongo Wharf / Empress Wharf and surrounding areas excavations, an ethnically diverse port region in Rio de Janeiro, have been almost entirely attributed to the 19th century. These artifacts provide evidence of the insertion of Rio de Janeiro, recently freed from Portugal's monopolist practices, in an increasingly global economy, characterized by an intense flow of people and commodities. In this setting, we observed a predominance of French pipes among the finds also consistent with the tobacco pipe industry worldwide during the period. Taking into account archaeological information and historical data on tobacco pipes imports and sales in Rio de Janeiro, we speculate on some of the contexts in which they may have been used in the city during the 19th century.

Keywords: Clay tobacco pipes; Valongo Wharf; 19th century.

ARTÍCULO

TUBOS BLANCOS DE LA REGIÓN DEL VALONGO: EL CACHIMBO COSMOPOLITO EN EL RÍO DE JANEIRO EN SIGLO XIX

RESUMEN
Las pipas de caolín recuperadas de las excavaciones del muelle de Valongo / muelle Imperatriz y sus alrededores se atribuyeron casi por completo al siglo XIX. Fueron utilizados y desechados dentro y alrededor del muelle, una región portuaria caracterizada por una gran diversidad étnica. Tales pipas atestiguan la inserción de Río de Janeiro, recientemente liberado de las prácticas monopolísticas de Portugal, en una economía cada vez más global, en la que el tráfico de personas y bienes desde diferentes puntos fue particularmente intenso. En este escenario, se observó el predominio de la fabricación francesa en las pipas de caolín encontradas, en consonancia con lo sucedido en la industria y comercialización de estos objetos en el resto del mundo. Teniendo en cuenta la información arqueológica y algunos datos históricos sobre la importación y venta de pipas en Río de Janeiro, se especula sobre los contextos en los que pueden haber sido utilizados en esta ciudad en los ochocientos.

Palabras clave: Pipas de caolín; puerto Valongo; siglo XIX.

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XVIII, a mineração e as novas possibilidades de conexão com o interior oferecidas pelo Caminho Novo geraram um aumento no fluxo de pessoas e de embarcações na então região portuária do Rio de Janeiro, entre os morros do Castelo e de Santo Antônio, escoando ouro e diamantes por um lado, e, por outro, recebendo alimentos, mercadorias e escravos. O pequeno núcleo urbano inicial foi se expandindo, com o aterramento de regiões alagadiças na parte baixa, o aumento demográfico e a gradual divisão das propriedades decorrentes das doações da Câmara com base nas cartas de antigas sesmarias. Chácaras existentes nas encostas e nos cumes dos morros, bem como no entorno do núcleo urbano, foram sendo fracionadas em lotes menores. No decorrer desse processo, a cidade embrionária se expandiu para além do quadrilátero formado pelos limites dos morros da Conceição, Santo Antônio, São Bento e do Castelo. Consolidaram-se novos caminhos internos e mais edificações religiosas foram implantadas. Finalmente, com a transferência da capital em 1763, o papel do Rio de Janeiro no contexto político e econômico do país se solidificou. Alguns anos depois, com a abertura dos portos em 1808, a sua importância como centro comercial e cultural foi definitivamente consolidada (CAVALCANTI, 2004; FAZENDA, 2011; LAMARÃO, 2006; PERROTTA, 2011).

A partir de fins do século XVIII, mas principalmente no decorrer do século XIX, estendeu-se a área portuária para a região da Prainha, do Valongo e da Gamboa, com a instalação de vários cais, píeres e trapiches. Até 1769, os africanos trazidos compulsoriamente do seu continente de origem para serem escravizados no Brasil desembarcavam no Largo do Paço (atual praça XV de Novembro), sendo então encaminhados à alfândega e posteriormente aos armazéns na R. Direita (atual Primeiro de Março). Naquela data, por determinação do Marquês do Lavradio, o desembarque e o comércio de escravizados foi transferido para a então remota região do Valongo (FLORENTINO, 1997; KARASCH, 2000; FLORENTINO *et al*., 2004; ELTIS & HALBERT, 2008). Tirava-se assim das ruas mais nobres da cidade os pretos novos, seminus, doentes e fétidos, tidos como focos potenciais de contaminação. Construído em 1811, o Cais do Valongo, com calçamento composto de pedras irregulares, dispostas de forma também irregular, em pé-de-moleque, funcionou como parte de um complexo destinado à venda de cativos que incluía, além do cais, o mercado e suas lojas, o lazareto e o Cemitério dos Pretos Novos. O cais recebia então não somente africanos escravizados, mas também toda sorte de mercadorias (PEREIRA, 2007; HONORATO, 2008).

Com a expansão da cidade, a área do Cais do Valongo passou a acolher boa parte do fluxo portuário, sendo frequentada e habitada por estivadores, marinheiros, atravessadores, armadores, traficantes de escravos, cativos, imigrantes desqualificados e população em geral. Era repleta de trapiches e armazéns, escritórios de corretores de escravos, comércios paralelos, além do complexo do Valongo. Por conta disso, foi se tornando uma região mal vista, estigmatizada e marginalizada. Ainda na região da Prainha, tinha sido instalada a cadeia do Aljube, o que contribuía para reforçar essa imagem negativa.

Em 1831, com a lei que declarava livres todos os africanos chegados ao Brasil, o complexo do Valongo destinado ao comércio negreiro foi desativado, mas o cais continuou a ser utilizado para embarque e desembarque de pessoas e mercadorias. Em 1843, contudo, a área foi reformada e enobrecida, com o aterramento do antigo Cais do Valongo e a sua sobreposição pelo Cais da Imperatriz, destinado ao desembarque da princesa Teresa Cristina de Bourbon para seu casamento com o Imperador D. Pedro II (ROHAN, 1968). Composto de pedras de cantaria e calçamento de paralelepípedos, esse

novo cais funcionou ao longo de todo o século XIX, porém foi se tornando progressivamente decadente, até que foi novamente aterrado no início do século XX, por ocasião da reforma, para a construção do Porto do Rio de Janeiro.

Já desde o início do século XIX, esse trecho do litoral da cidade passou por mudanças profundas, com o incremento da infraestrutura a partir de aterramentos que aos poucos delinearam uma costa mais retilínea, novos cais, píeres, trapiches e grandes depósitos e galpões para mercadorias, como as Docas D. Pedro II. Cresceram também o sistema viário, os meios de transporte e as redes de esgotamento. Paralelamente proliferavam os cortiços, habitações coletivas e insalubres que abrigavam a população pobre em busca de empregos na região central da cidade. Datam do século XIX as tavernas, entre outros estabelecimentos, muito frequentes na região da Misericórdia e do Largo do Paço. As lojas de tabaco eram espalhadas pela cidade, mas provavelmente com alguma concentração nas imediações da Praia do Peixe, tradicionalmente uma área mercante. Tudo isso reiterava a região como território de segmentos marginalizados (LAMARÃO, 2006; PERROTTA, 2011; VALADÃO, 2012; LIMA, 2013a, 2013b; LIMA *et al*., 2014; 2016).

Nos trabalhos de arqueologia preventiva associados a mais uma reforma na Zona Portuária, agora no século XXI, destinada à melhoria da infraestrutura urbana para as Olimpíadas de 2016, foram escavados, na Etapa 1 dessas intervenções, os Cais do Valongo e da Imperatriz, bem como quarenta e quatro trapiches nas suas imediações. Na vasta cultura material recuperada nessas pesquisas, incluem-se os cachimbos de caulim aqui analisados e discutidos.

Figura 1 -Zona Portuária do Rio de Janeiro – O polígono delimita a área escavada no âmbito do Programa de Revitalização da Zona Portuária - Etapa 1; os pontos assinalam locais de venda de tabaco e cachimbos no século XIX. Sobreposição da imagem histórica A capital do Brasil de E. de La Michellerie (1831) sobre plataforma Google Earth. As marcações foram adicionadas à camada do Google Earth.



OS CACHIMBOS DE CAULIM: MORFOLOGIA, DECORAÇÃO E MARCAS DE FABRICANTE

Cachimbos de cerâmica foram produzidos na Europa desde o século XV. Inicialmente, eram feitos, sobretudo, de argilas cauliníticas, em geral de depósitos primários, brancas, macias e com baixa capacidade de expansão-retração. Esses cachimbos, então de cerâmica branca, foram largamente produzidos e utilizados na Europa. A Holanda e a Inglaterra foram os principais centros produtores entre os séculos XVII e XVIII (OSWALD, 1975; DUCO, 1987). Já no século XIX, o cenário da produção de cachimbos muda profundamente. A França domina as influências estéticas também nessa esfera e cria-se uma multiplicidade de formas e decorações (HAMMOND, 1987; FAVETON, 1988; GOES, 1993; DUCO, 2004). De início eram feitos em pequenos empreendimentos familiares e praticamente domésticos, que acabaram por assumir grandes proporções no século XVIII. Foram exportados da Europa para várias nações e colônias, bem como carregados com os europeus em suas viagens e conquistas mundo afora, de modo que são encontrados em sítios arqueológicos históricos ao redor do globo (para trabalhos sobre cachimbos de caulim no Brasil, ver MELLO NETO, 1977a; 1977b; 1983; HISSA, 2018; 2019a; 2019b; 2020).

Entre os métodos estatísticos usados para estimar a datação de cachimbos de caulim e dos contextos nos quais aparecem, o mais difundido e utilizado é o do furo da haste. Esse método foi elaborado por Harrington, em 1954. Ele se baseia na observação de que a dimensão do furo da haste diminui cerca de 1/64" a cada 30 ou 50 anos (entre c. 1620-1800), devido ao aprimoramento da técnica de fabrico do fio de ferro que molda o furo. Como na maior parte das coleções arqueológicas de cachimbos a haste é o elemento predominante, a técnica é especialmente útil. Assim, há uma maior popularidade, em cada período, de uma dimensão específica (normalmente medida em polegadas) que diminui com o tempo: entre 1620-1650, é mais popular o furo com a dimensão de 8/64"; 1650-1680, 7/64"; 1680-1710, 6/64"; 1710-1750, 5/64"; 1750-1800, 4/64". até c. 1800, quando o furo estabiliza em 4/64". Por esta razão, Harrington considera seu método impreciso para datas a partir do fim do século XVIII. (HARRINGTON, 1978; MALLIOS, 2005).

Outro método de alta importância na identificação de data e origem de fabrico são as formas dos fornilhos, que, em função de flutuações de preferências estéticas ou de outras naturezas, mudaram ao longo das décadas e séculos. Em decorrência disso, é possível correlacionar tipos morfológicos a períodos específicos, considerando também o seu local de produção. Por essa razão, identificar a morfologia do fornilho possibilita inferir um período de produção e sua origem (OSWALD, 1975; DUCO, 1987; OOSTEVEEN, 2001; HUME, 2001; WHITE, 2004; HIGGINS, 2009). Assim, no processo de análise de uma coleção arqueológica de cachimbos de caulim deve-se primeiro identificar o tipo morfológico dos fornilhos (caso disponíveis), para depois avaliar suas marcas de fabricante e tipos decorativos. Isso é feito porque poderá ocorrer mais de um fabricante operando com a mesma marca em períodos distintos. Além disso, deve-se considerar que o estilo da marca e o local de inserção da marca do fabricante também têm implicação cronológica (OSWALD, 1967, 1975; BRADLEY & DEANGELO, 1981).

Uma mudança particularmente importante refere-se ao comprimento das hastes. Nos séculos XVII e XVIII era comum que a haste, de comprimentos variados ao longo das décadas, e a boquilha fossem integradas ao fornilho. Era uma peça única, sendo desnecessário qualquer outro implemento para ser utilizada, além do fumo e do acendedor. Se a haste fosse quebrada em ponto muito próximo ao fornilho, toda a peça perdia sua utilidade e deveria ser descartada. Já no século XIX tornaram-se comuns os cachimbos em formato mini (*cutty*) e os cachimbos curtos, para inserção de uma haste ou piteira removível, que poderia ser de origem vegetal ou sintética. Também foi a partir do

século XIX que passaram a ser produzidos, conforme o mesmo processo industrial, cachimbos com argilas vermelhas ou pretas. Muitas vezes os moldes eram idênticos àqueles usados nas argilas brancas, mas empregava-se uma receita de pasta distinta (DUCO, 2004; HISSA & LIMA, 2017; HISSA, 2018).

A coleção de cachimbos de caulim de haste integrada recuperados no Projeto de Revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro - Etapa 1, aqui analisada, inclui 861 fragmentos[1], dos quais 166 apresentam fornilho, 43 têm pedúnculo e 719, haste. Entre esses, os fragmentos decorados ou com marca de fabricante somaram 289. Foram contabilizados 572 fragmentos de hastes sem decoração ou marca de fabricante, entre elas 12 boquilhas (duas não finalizadas, três cortadas/retas e sete em lábio[2]).

Faz-se aqui uma consideração específica de método. A escolha de trabalhar com número mínimo de peças (NMP) de cachimbos de caulim ou com número de fragmentos depende, em primeiro lugar, da pergunta que norteia a pesquisa. Por exemplo, análises com base em fragmentos favorecem estudos com foco na variabilidade de tipos ou sobre dispersão intra-sítio e processos tafonômicos de revolvimento de sedimentos e camadas. Enquanto isso, o NMP apresenta mais relevância quando se discute questões como a intensidade do uso dos cachimbos importados ou da importância do fumo nesses implementos, especialmente considerando sítios circunscritos, ao invés de logradouros públicos. Porém, mais que isso, no caso desses cachimbos, como já explicitado em outras ocasiões (LAWRENCE & DAVIES, 2011; WHITE, 2015; HISSA & LIMA, 2017; HISSA, 2018), as feições diagnósticas que possibilitam estabelecer um NMP com segurança são ou a junção entre o fornilho e a haste (pedúnculo/cotovelo), ou a ponta da boquilha. Na maior parte dos sítios arqueológicos na Europa e nos EUA onde cachimbos de caulim são identificados, essas coleções são numerosas, o que ocorre também em algumas áreas litorâneas do Brasil (HISSA, 2018). Principalmente nesses contextos, onde tais feições diagnósticas são numericamente inexpressivas frente às coleções arqueológicas,o NMP se torna pouco informativo. Nesse sentido, no momento de aferir cronologia e procedência de cachimbos importados, bem como seus custos relativos presumidos, que inicia uma pesquisa aprofundada sobre essa categoria material, restringir as análises descritivas ao número mínimo de peças seria analisar uma parcela mínima da coleção, excluindo, portanto, uma ampla variedade de informações. Assim, de modo geral, as análises de cachimbos de caulim, após possíveis remontagens, exploram o caráter quantitativo do número de fragmentos, a partir do seu potencial de identificação de datação e procedência, o que costuma passar pelas análises de furos de haste, método que não se restringe ao NMP (BINFORD, 1978; HARRINGTON, 1978) e análises de morfologia (OSWALD, 1967; 1975; ATKINSON & OSWALD, 1969; DUCO, 1987; HIGGINS, 2009; WHITE, 2015), conforme já apresentado (HISSA & LIMA, 2017; HISSA, 2018).

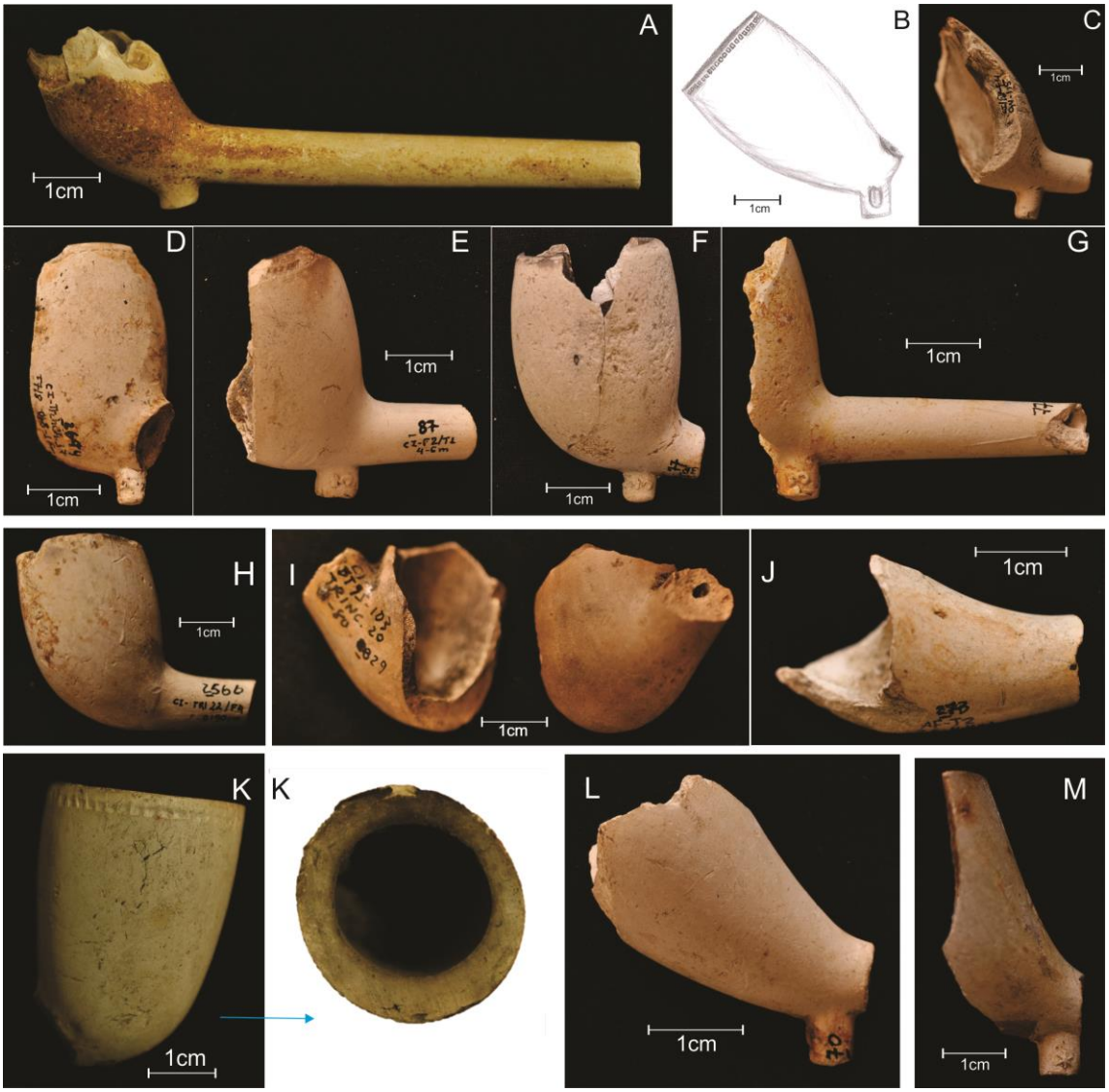
Entre as formas de fornilho, há um único bicônico holandês (1610-fim do XVII), alguns ovoides e ganchos (1730-XX), além de formas típicas do século XIX, como as formas em concha ou chifre (DUCO, 2004; HISSA, 2018). Há formas também francesas, igualmente típicas do século XIX, como se verá em detalhe mais adiante. Além das formas dos fornilhos, o estilo mini, referente ao cachimbo como um todo, é muito recorrente na

[1]Essa quantificação não inclui os cachimbos europeus curtos, de inserção de piteira de encaixe, uma vez que não foram analisados sistematicamente, em virtude do pouco tempo disponibilizado para a análise pela instituição de guarda do acervo, com limitação de pessoal para atendimento.

[2]Essas últimas sete são condizentes com o estilo mini (*cutty*) de cachimbos, que são acompanhados pela boquilha em lábio. A boquilha em lábio, com protuberância arredondada na extremidade (ver HISSA, 2018), sugere uma data posterior a 1840 (RECKNER & DALLAL, 2000).

coleção, datando desde meados do século XIX (DUCO, 1987; OSWALD, 1967; 1975) (ver Figura 2).

Figura 2 -Zona Portuária do Rio de Janeiro - Etapa 1: Morfologias de fornilhos. A: Bicônico; B e C: Ovóide; D, E, F, G: Gancho; H: Reto; I: Concha; J: Chifre; K, L, M: Algumas formas do século XIX sem designação específica. Fotos e desenho: Sarah Hissa.



Há na coleção alguns exemplares cuja decoração é incisa / carimbada, com serrilhado na borda do fornilho (Figuras2K e 3G) e serrilhado[3] simples ou composto (associado a bandas anelares) na haste (Figura 3A). Contudo, a decoração moldada é predominante nessa coleção, como é de se esperar para cachimbos de caulim do século XIX.

Entre os 103 fragmentos com decoração moldada da coleção, 69 indicam terem sido produzidos exclusivamente a partir do século XIX, sendo que 19 desses a partir da sua segunda metade (outros cinco recuam a parte do século XVIII, e o intervalo cronológico de 29 deles não foi possível identificar), como detalhado a seguir.

[3]O serrilhado é amplamente denominado *rouletting* na literatura de língua inglesa (OSWALD, 1969; 1975; RECKNER & DALLAL, 2000; WHITE, 2015, entre vários outros) e se trata de uma decoração incisa na pasta fresca com instrumento do tipo carretilha.

Alguns padrões decorativos moldados foram muito recorrentes nos oitocentos, sendo produzidos não somente por mais de um fabricante, como também em mais de um país produtor, como Alemanha, França, Holanda e Inglaterra. Walker (1970) associa esse processo às técnicas de produção em massa. Exemplos são o cachimbo TD, a garra (Figura 3M), o cesto, o acanalado, o acanalado perolado e o de espinhos, a serem apresentados ao longo deste texto. Especialmente para os vários casos nos quais não há marca alfabética de fabricante, essa padronização de estilos na produção europeia como um todo significa que não se pode identificar o produtor.

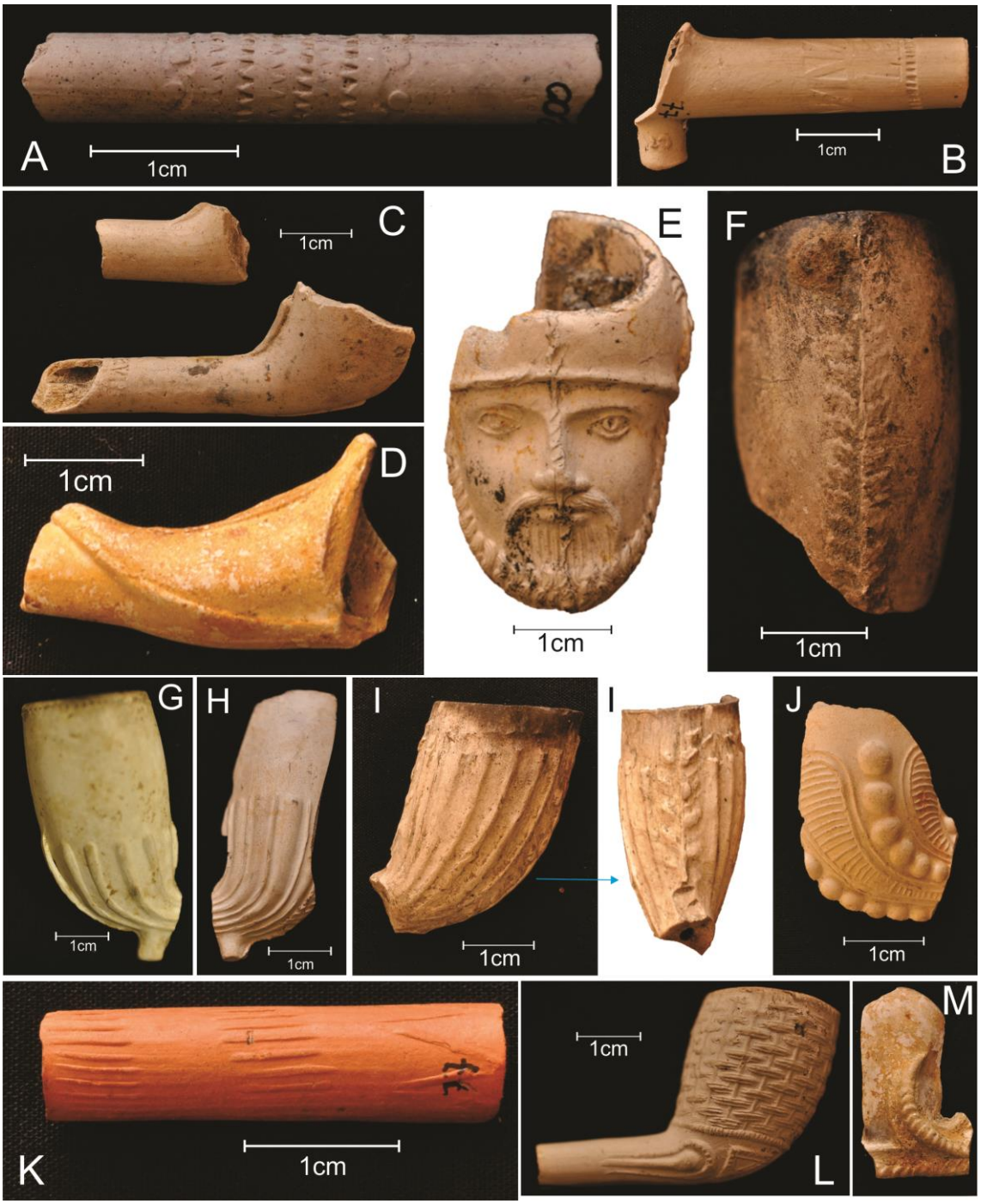
A decoração acanalada, que inclui frisos verticais no corpo do fornilho (para exemplos, ver Figura 3G, H, I, J), foi usada desde cerca de 1760 (OSWALD, 1975; DUCO, 1987). Há 21 fragmentos acanalados, 19 desses com fornilhos, exibindo elementos decorativos e morfológicos levemente variados e intervalos cronológicos distintos. Todos os fornilhos completos ou quase completos exibem acanalado parcial (Figura 4L). A maior parte apresenta acanalado simples, mas também há acanalados de espessura alternada (Figura 3H). Muitos apresentam serrilhado na borda do fornilho, pedúnculo e limpeza da costura frontal e traseira do molde com ranhuras diagonais (essas, comuns de meados do XVIII a meados do XIX). Há também o padrão moldado acanalado perolado (ver Figura 3J).

O cachimbo com decoração moldada em cesto *trançado cruzado arqueado*, popular em geral após a segunda metade do século XIX avançando ao XX, emula a técnica em que os elementos passivos (urdidura) são rígidos e estão dispostos em séries paralelas, alternadamente interceptados pelo elemento ativo (trama), que é delgada e flexível (RIBEIRO, 1985). A trama, portanto, curva por cima e por baixo da urdidura, deixando saliências elevadas. Foram encontrados sete fragmentos com esse padrão (Figura 3L). Os fitomorfos, feitos para esconder a costura do molde (que começaram a ser utilizados no final do século XVIII), aparecem também em alguns acanalados da coleção (Figura 3I). Todos esses estilos foram produzidos por vários fabricantes de diferentes nacionalidades, com poucas diferenças no padrão, dificultando sua associação a um fabricante especifico (OSWALD, 1967; 1975; BRADLEY & DEANGELO, 1981; GOJAK & STUART, 1999; HIGGINS, 2009).

Ainda, uma decoração do século XIX (após 1840), aqui referida como zigue-zague (Figura 3K), foi muito recorrente na coleção (21 fragmentos). Ela possivelmente foi produzida por Victor Belle, em Érôme-Serves, no departamento de Drôme, na França, a julgar pela semelhança com alguns exemplares de um catálogo desse fabricante, de c. 1900 (DUCO, 2004). No catálogo, contudo, eles apresentavam inscrito o nome do fabricante, o que impossibilita identificar com confiança essas peças fragmentadas.

Há também cachimbos com a superfície modificada, como é o caso da decoração em quilha, o facetado e o *Gladstone*. A superfície facetada foi também comum no século XIX, tendo sido produzida pelo menos nos EUA e na França. Já a decoração no fornilho em quilha (Figura 3C) é bastante comum em vários centros produtores europeus do século XIX, disponível em vários tamanhos e frequentemente com haste curta, do tipo mini, e boquilha em lábio. Esse exemplar, com quilha parcial, contudo, se assemelha a um modelo produzido pela fábrica francesa Gambier, situada em Givet, com loja também em Paris (GAMBIER, 1868). O estilo *Gladstone* (final do século XIX), apesar de comumente associado a preferências irlandesas por questões de identidade política (RECKNER, 2016), podia ser produzido por vários outros países, incluindo a Holanda (Figura 3D).

Figura 3 - Zona Portuária do Rio de Janeiro - Etapa 1: Decorações carimbadas e moldadas. A: Bandas anelares em haste de cachimbo provavelmente holandês, produzido a partir da segunda metade do século XVIII; B: Cachimbo francês, com marca moldada na lateral do pedúnculo '5' e na base do pedúnculo 'V' (St. Omer, fábrica Louis Fiolet, 1834-); C: Quilha parcial. Fabricante: Gambier; França, Givet (1840-1891). Inscrição: "Grav..../a P... / m... / D..."; D: Cachimbos em estilo Gladstone (final do século XIX). Local de produção não identificado; E: Efígie romana, sigarpipe (DUCO, 2004), Holanda ou Bélgica (1855-1885); F: Fitormofos localizados na costura do molde (1850-). Provavelmente Inglês; G: Decoração acanalada simples, séc. XIX; H: Decoração acanalada alternada, século XIX; I: Decoração acanalada com fitomorfo na costura do molde (1730-1760); J: Decoração acanalada perolada, Holanda (1860-1900); Decoração moldada em zigue-zague, em argila avermelhada, a partir do segundo quartel do século XIX; L: Cachimbo com decoração moldada em cesto trançado cruzado arqueado. Local de produção não identificado (segunda metade do século XIX-XX). M: fornilho em forma de garra (segunda metade do século XIX). Local de produção não identificado. Fotos: Sarah Hissa.



Os cachimbos do século XIX receberam comumente o nome e local de proveniência na haste, o que auxilia a identificação da sua origem e intervalo cronológico de produção (por exemplo, ver Figura 3B; Figura 4C, D, E, F, G, I, K, M). Números por vezes também podiam ser inseridos na haste perto do fornilho ou na lateral do pedúnculo (Figura 3B), mas raramente são identificáveis devido à quantidade diminuta de catálogos de produtores disponíveis. Essas inscrições e marcas podiam ser moldadas, principalmente nas hastes, ou carimbadas, geralmente na porção frontal do fornilho, de frente para o fumante, como também na haste. O carimbo na porção frontal do fornilho é válido tanto para os cachimbos franceses quanto os produzidos na Inglaterra, Escócia e Irlanda.

Foram identificados 67 fragmentos inscritos com marcas alfabéticas, numéricas ou iconográficas, e, ao todo, foi identificada a procedência específica de 40 fragmentos a partir das inscrições e marcas de fabricante, das quais 55% indicaram proveniência francesa. Entre esses, há 17 fragmentos da fábrica Gambier, situada em Givet e com loja em Paris, das séries *Aristophane Néogène*[4] (2 hastes e 1 fornilho), *Crême National* (7, entre fornilhos e hastes) e um fragmento de fornilho *Crême Gambier* (Figura 5). Eles são ilustrados nos catálogos do fabricante e em propagandas de época e estão entre os tipos mais simples vendidos nessa fábrica. São muito similares aos ovoides, pelo que são referidos como *pipes à lafaçon hollandaise* (DUCO, 2004). Alguns deles praticamente não têm decoração, e, em outros, há incisa ou moldada na haste somente a marca do fabricante ou há números de série moldados na lateral do pedúnculo.

Além disso, há dois exemplares com a inscrição *déposé* na coleção (Figura 4C), incluindo um com decoração em quilha parcial, cujo fragmento já foi apresentado anteriormente na figura 3C. A inscrição *Déposé Gambier* foi registrada em 1892, informando estar em produção desde 1862 (mantida até c. 1920) (RECKNER & DALLAL, 2000). Foram identificados ainda dois fragmentos de haste da fábrica Louis Fiolet (Figura 4G), localizada em Saint-Omer (1765-1919)[5], e outros não identificados.

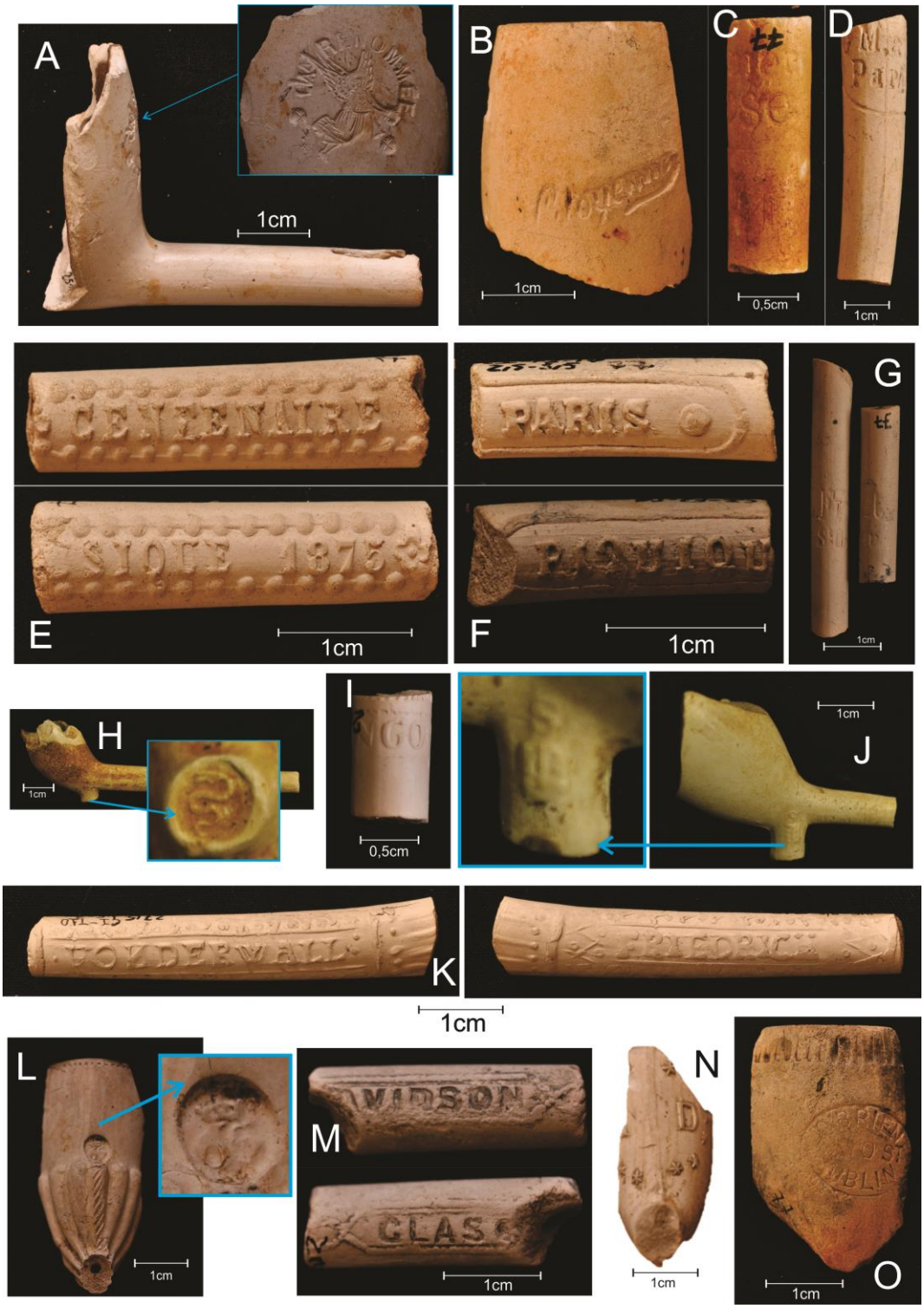
O cachimbo "TD", cujas letras são inscritas na área frontal do fornilho, foi feito inicialmente pelo produtor Thomas Dormer, de Londres, em meados do século XVIII, com suas iniciais; mas ficou tão popular que a marca foi pirateada. Foram então produzidos na Inglaterra, Escócia, Holanda, Alemanha, Canadá, França e EUA, em vários estilos diferentes, tais como a inscrição emoldurada em círculo ou associada a fitomorfo, a acanalado, a estrelas patrióticas e a escudo. A coleção conta com dois cachimbos TD, um simples, cuja procedência não foi identificada. O cachimbo TD mais elaborado foi produzido nos EUA (c.1845-1870), assim identificado em decorrência das estrelas patrióticas (Figura 4N), que não eram usadas nos cachimbos TD escoceses, nem mesmo nos que eram produzidos para o mercado norte-americano (KENYON & KENYON, 2008; RECKNER & DALLAL, 2000).

O estilo irlandês de cachimbo inclui nomes de lugares, slogans como Home Run, em fornilhos grossos e pesados, emulando cachimbos de betouro. Eles não eram produzidos necessariamente na Irlanda. Por exemplo, muitos fabricantes da Escócia produziram para o mercado irlandês. Um dos exemplares da coleção apresenta carimbo que, se inteiro, seria "O'BRIEN / MAYO ST / DUBLIN" (Figura 4O), tema patriótico irlandês, mas que na verdade não indica o local exato de sua produção. O mesmo ocorre com os termos "Cork" e "Limerick" no fornilho, que, como o termo "Dublin", referem-se à forma do fornilho, e não ao lugar de manufatura (OSWALD, 1975; RECKNER & DALLAL, 2000; WALKER, 1970).

[4] *Néogènese* refere a um tipo de argila branca de alta qualidade.

[5] A fábrica Fiolet de Saint-Omer produziu entre 1834-1892, sob a propriedade e administração de Louis Maximilien Fiolet.

Figura 4 -Zona Portuária do Rio de Janeiro - Etapa 1: Inscrições e marcas de fabricante. A: Inscrição: 'WNREN OMMEE', associado a anjo; B: Inscrição: 'Citoyenne'; C: Inscrição: 'S.Omer/Déposé'; D: Inscrição: 'GM. & M. /Paris'; E: Inscrição: 'CENTENAIRE / …USIQUE 1875'; F: Inscrição: 'PI?UIQU... / PARIS'; G: Inscrição: 'L.Fiolet / a SºOmer'; H: Cobra (Gouda, fins do século XVII); I: "IN GOUDA", Holanda (1730-1800); J: Cachimbo holandês com as armas de Gouda moldadas na lateral do pedúnculo. Notar "S" associado (indica produto de pior qualidade); K: "FRIEDRICH / VONDERWALL", Grossalmerode (1800-1825); L: Marca "65" coroada carimbada no fornilho (Gouda, segunda metade do século XVIII); M: "Davidson/Glasgow" (Escócia, 1861-1910); N: "TD" (EUA, 1845-1865); O: "O'BRIEN/...OS'/DUBLIN" (1880-1920). Fotos e desenho: Sarah Hissa.



Apesar de que Londres, Liverpool e Bristol continuaram exportando cachimbos durante o século XIX, Glasgow tomou a liderança. Um exemplo é o fabricante William White, que produziu cachimbos entre 1805-1955[6]. Além de W. White, também a firma Thomas Davidson Jr. (Figura 4M) foi uma forte fabricante e exportadora que comprou o negócio de William Murray em 1861 e manteve a fábrica de cachimbos em funcionamento até 1910 (OSWALD, 1967; 1975; ATKINSON & OSWALD, 1969;BRADLEY & DEANGELO, 1981; GOJAK & STUART, 1999; DUCO, 2004; HIGGINS, 2009).

Entre os dois cachimbos alemães identificados, destaca-se a haste inscrita com o nome do fabricante Friedrich von der Wall, lendo-se "FRIEDRICH / VONDERWALL" (Figura 4K), produtor da cidade de Grossalmerode (1800-1825). Ainda, destaca-se o sigarpipe (DUCO, 2004) em efígie romana (1855-1885), cuja procedência não foi precisada. Pode ter sido produzido em Gouda, na Holanda, ou em Bree, na Bélgica, por Jean Jacques Knoedgen (DUCO, 2004) (Figura 3E).

CRONOLOGIA E DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS CACHIMBOS DA REGIÃO DO VALONGO

A síntese cronológica do material recuperado no Cais do Valongo / Cais da Imperatriz e suas imediações não observou os diâmetros dos furos de haste. Como se trata de uma área de ocupação relacionada sobretudo ao século XIX, lembra-se que esses diâmetros já tinham se estabilizado naquele século, de modo que seu potencial para datação é praticamente nulo nesse caso (OSWALD, 1975; HARRINGON, 1978; BINFORD, 1978; HISSA & LIMA, 2017; HISSA, 2018).

Foram identificados fragmentos de cachimbos de caulim na Av. Barão de Tefé (onde estavam situados os Cais do Valongo e da Imperatriz) e suas imediações: ruas Edgar Gordilho, Aníbal Falcão, Sacadura Cabral e São Francisco da Prainha [7]. Elas conformavam, como um todo, uma região de vários atracadouros, cais, píeres e trapiches, para recebimento e escoamento de mercadorias.

São apresentados a seguir um gráfico de distribuição de intervalos cronológicos de marcas de fabricantes encontradas nessa área [8]; e três gráficos de barras [9] para, respectivamente, a R. São Francisco da Prainha, a Av. Barão de Tefé (nível arqueológico entre 2 e 3m de profundidade) e a área em frente ao cais.

[6] W. White e filho entre 1846-1864; W. White e filhos entre 1865-1896. Eles fizeram vários estilos de cachimbos TD.

[7] A rua e o largo de São Francisco da Prainha correspondem ao trecho de ocupação mais recuada dessa região, junto aos quais localizava-se o trapiche da Ordem de São Francisco, o mais antigo desse segmento da Zona Portuária, datado do século XVIII.

[8] Gráfico elaborado conforme White (2015). Para a produção desse gráfico, cada marca de fabricante foi individualmente datada, e uma unidade foi computada para cada década do seu intervalo provável de produção. Assim, se o intervalo cronológico para um dado fragmento fosse 1650-1670, uma unidade seria contabilizada para as décadas de 1650 e 1660. O objetivo desse gráfico é sugerir o período de atividade mais intensa no sítio arqueológico.

[9] Gráfico de barras horizontais para cada intervalo de produção identificado, considerando os atributos marca de fabricante, tipo decorativo e morfologia de fornilho.

Gráfico 1 - Zona Portuária do Rio de Janeiro - Etapa 1: Intervalos cronológicos indicados pelas marcas de fabricantes.

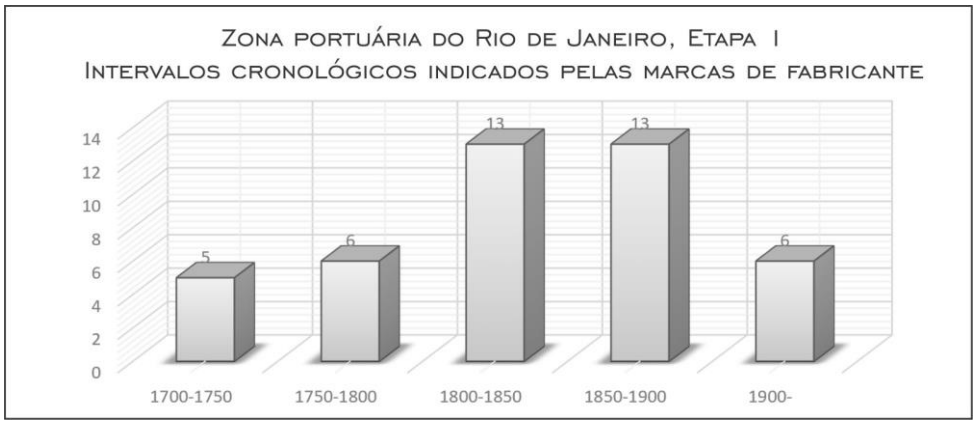
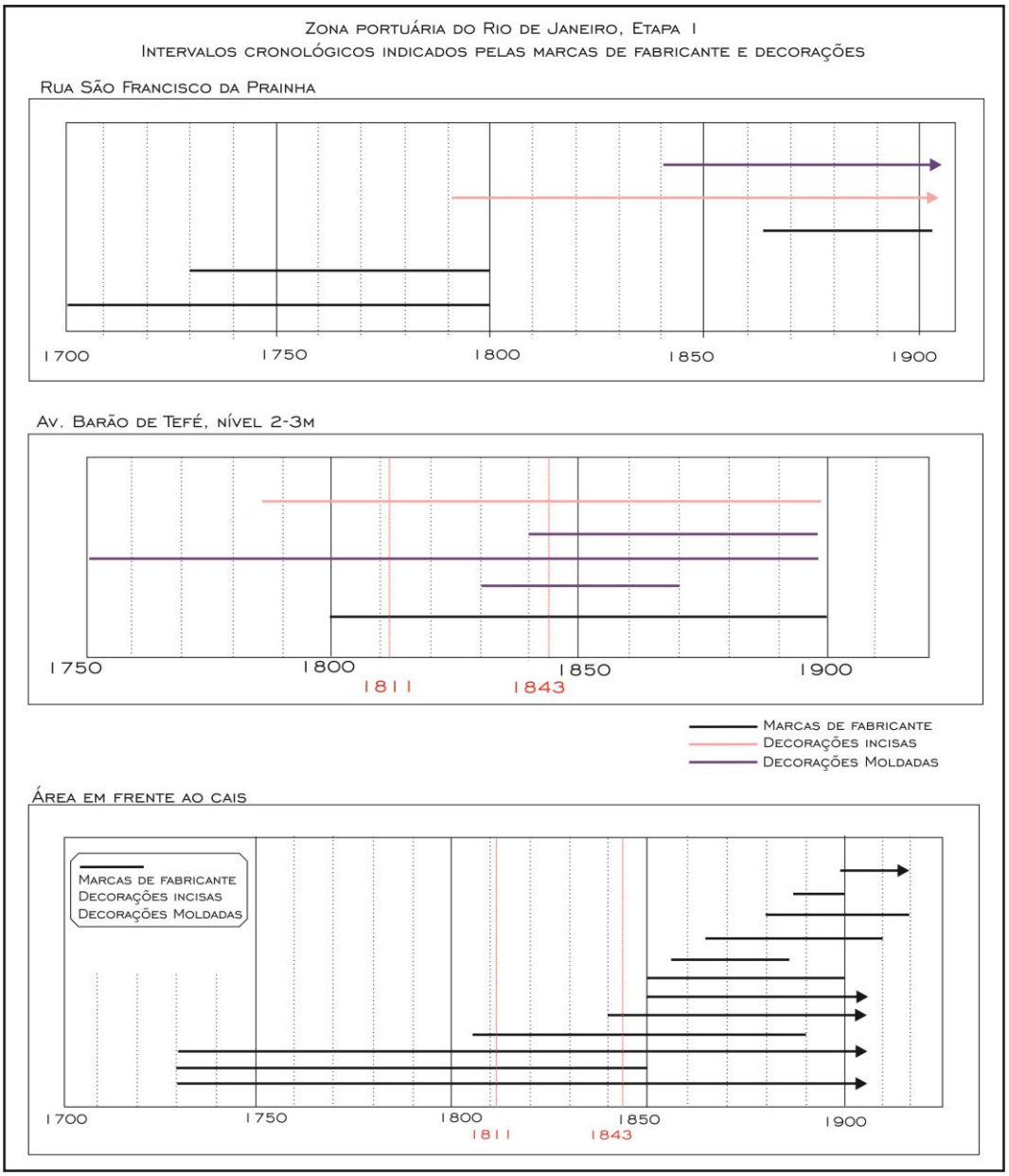


Gráfico 2 -Zona Portuária do Rio de Janeiro - Etapa 1: Intervalos cronológicos indicados pelas marcas de fabricante e decorações.



Observa-se que a sobreposição dos intervalos de produção das marcas de fabricante identificadas indica uma maior concentração e uso mais intenso de cachimbos de caulim no século XIX.

Na coleção foram identificados quatro fragmentos cujo intervalo de produção está circunscrito somente ao século XVIII: três holandeses e um de origem não identificada. Dois deles provieram da R. São Francisco da Prainha (marca iconográfica figurando uma cobra e haste com inscrição "INGOUDA") e um da Av. Barão de Tefé, trecho 11, nível 2 a 3m [10] (ilustrado na Figura 4L). A rua e o Largo de São Francisco da Prainha correspondem à área de ocupação mais antiga desse trecho do litoral, podendo recuar a antes do século XVIII, de tal forma que a datação dos cachimbos é compatível com sua profundidade cronológica. Contudo, dela foram recuperados também fragmentos tardios, incluindo cachimbos inscritos *Davidson*, entre 120-150 cm de profundidade, evidenciando se tratar de uma área perturbada.

Na Av. Barão de Tefé foram identificados 55 fragmentos (entre fornilhos, decorações e marcas de fabricante), com uma nítida predominância da decoração acanalada. Como já dito, esse padrão foi produzido por vários fabricantes de diferentes nacionalidades desde 1760, com poucas diferenças, dificultando sua associação a um fabricante especifico. Por essa razão, excetuando-se o fragmento já mencionado, marcado e, portanto, mais facilmente datado, a cronologia desses outros 13 acanalados não pode ser mais precisa que meados do século XIX, considerando decoração e morfologia do fornilho.

Ainda na Av. Barão de Tefé, nos trechos 1 a 15 [11], foi encontrado um nível arqueológico correspondente ao século XIX, entre as profundidades 2 e 3 metros, limite estabelecido pela engenharia para a implantação da nova rede de drenagem. Esse nível, selado pelo aterro para a construção do Cais da Imperatriz, foi datado pela equipe de pesquisa entre 1811 e 1843.

Foram recuperados sete fragmentos de cachimbos de caulim nos primeiros 160 cm de profundidade dessa trincheira, portanto provenientes da camada de aterro depositada sobre o Cais da Imperatriz, nos trechos 7 e 8. Eles indicam tanto o século XIX como um todo quanto a segunda metade do mesmo século, e todos os identificados apontam para produção francesa (incluindo uma peça da série *Aristophane*, da Gambier e um acanalado). Parte da sua cronologia, portanto, pode ser considerada condizente com a da camada de aterro.

Já em outros trechos, a saber: 9, 11, 12, 14, entre as profundidades de 2 e 3 metros, foram encontrados 27 fragmentos. Entre esses, 12 não foram identificados, por serem decorações muito genéricas, sem marcas de fabricante, como linhas e pontos moldados e serrilhado na borda do fornilho. Desse mesmo nível, entre os cachimbos identificados, o intervalo de produção da maior parte deles indica meados do século XIX ou mesmo todo século XIX, especialmente em pequenos e médios fragmentos com decoração acanalada, possivelmente alemães. Não foi possível a datação ser mais precisa, pois são decorações e morfologias de mais ampla produção cronológica e sem marca de fabricante específica. No entanto, ainda desse contexto do século XIX, entre os Cais do Valongo e da

[10] Esse fragmento de cachimbo exibe decoração acanalada, com marca numérica ("65" coroado). Foi identificado a partir da decoração, morfologia do fornilho e marca de fabricante como feito em Gouda, Holanda, no último quartel do século XVIII. Observa-se que, apesar de ter sido produzido certamente antes da construção do cais do Valongo (algo entre 35 e 10 anos antes), está na camada referente à sua ocupação e utilização. Visto que se trata de uma única peça de datação recuada, sem representatividade estatística, nada impede que tenha sido obtida por alguém a partir de um suprimento um pouco antigo e utilizado em sua passagem pelo cais do Valongo ou, menos provavelmente, tenha sido despejado no local em meio ao material de aterro para o nivelamento da área por ocasião da construção do Cais da Imperatriz.

[11] Ver Lima, Sene e Souza, 2016.

Imperatriz, duas peças indicam claramente feitura posterior a c. 1850. Esses cachimbos, ambos recuperados no trecho 11, podem ter sido intrusivos, descartados ou perdidos durante as obras de saneamento da segunda metade do século XIX e, desta forma, adentrado à camada arqueológica datada da sua primeira metade. O trecho 15, mais perturbado pelas tubulações, tem apenas um fragmento que indica 1830-1870. No trecho 1, não foram identificados cachimbos de caulim. Deste modo, excetuando-se os três fragmentos considerados intrusivos, tem-se a distribuição cronológica das 12 peças datáveis da Av. Barão de Tefé, nível 2 a 3m, compatível com a cronologia atribuída à camada selada pelo aterro.

Todos esses fragmentos foram recuperados dos sedimentos contemporâneos do Cais do Valongo, antes da construção do Cais da Imperatriz, podendo potencialmente se referir a um uso *in loco* entre 1811-1843. No entanto posteriormente há também fragmentos depositados em sedimentos assentados para nivelamento da área na construção do segundo cais, em 1843. Em ambos os contextos, é possível que o ato de fumar tenha ocorrido no cais, embora com pouca intensidade. Era um local de embarque e desembarque de mercadorias e pessoas, onde, em meio a rápidas e pesadas atividades, o cachimbo curto podia ser fumado bem preso na boca, moendo os dentes. Já a praça adjacente ao cais, como um local intensamente utilizado para o comércio, socialização e lazer, era um lugar bem mais propício para o fumo.

Há também uma porção escavada referente ao que teria sido a área em frente ao cais, onde antes chegava o mar. Esse teria sido um local de despejo de coisas imprestáveis ao longo de todo o século XIX, que foi aterrado somente no início do século XX. Ela apresentou grande quantidade de fragmentos de cachimbos, um total de 136 unidades. Foi também nessa área que foi identificada uma variedade levemente maior de tipos decorativos, cuja frequência é relativamente homogênea. Trata-se de uma área muito revolvida pela ação do mar junto às paredes do cais. Considerando que, de 87 fragmentos com fuligem evidente, 54 provieram dessa área, indica-se que, ao menos em grande parte, eles eram descartados naquele local já usados e possivelmente após uma quebra que os inutilizasse. Esse contexto, embora perturbado e inespecífico, é importante, porque elucida o uso de cachimbos nessa porção da Zona Portuária do Rio de Janeiro circundante ao cais ao longo de todo o século XIX.

Considerando as informações e os gráficos apresentados, parte do material recuperado da área em frente ao cais remete ao período de funcionamento do Cais do Valongo, e outra parte, da segunda metade do século XIX em diante, ao Cais da Imperatriz, até o início do século XX, quando a área foi novamente aterrada para a construção do Porto do Rio de Janeiro.

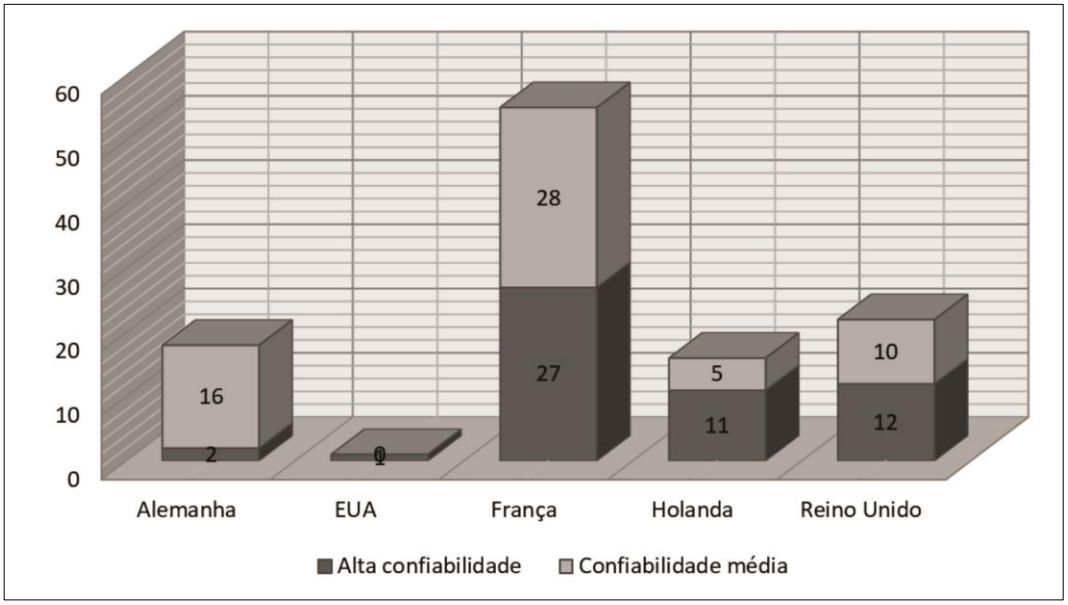
A PROCEDÊNCIA DOS CACHIMBOS DE CAULIM DO RIO DE JANEIRO

Como exposto acima, durante o século XVIII, a cidade do Rio de Janeiro começou a se expandir rapidamente, em termos demográficos e de ocupação do espaço geográfico, do comércio e atividades portuárias. Se, em 1763, o Rio de Janeiro passou a ser a capital da colônia, e o seu papel no contexto político e econômico se intensificou, foi com a abertura dos portos que sua importância como centro comercial e cultural se consolidou. O Rio de Janeiro, local primeiro de entrada de mercadorias e tendências externas, acompanhou algo do desenvolvimento da indústria de cachimbos em geral. Os cachimbos recuperados na região do Valongo refletem especialmente a variedade de países fabricantes. Há cachimbos produzidos na Alemanha, Inglaterra, Escócia, Holanda, França, Irlanda e Suécia, referentes ao século XIX. Estão presentes os populares cachimbos em formato mini, os pesados fornilhos irlandeses, a grande disseminação dos produtos de Glasgow, as decorações moldadas de vários padrões, como o cesto e algumas

poucas efígies. Esses mesmos tipos de cachimbos brancos são encontrados em sítios do século XIX, ao redor do mundo.

A procedência do material coletado, considerando marcas e inscrições de fabricantes, decoração e morfologia, sugere grande predominância francesa, incluindo vários fragmentos atribuídos à fábrica Gambier e alguns à Fiolet. Ainda, entre os cachimbos atribuídos ao contexto específico do Valongo, essa associação é menor (apenas uma peça provavelmente francesa entre as doze que puderam ser associadas ao seu país exportador) do que entre os cachimbos identificados na área em frente ao cais (30 entre os 43 registros cujo local de produção foi estimado). Isso sugere que a influência francesa no consumo de cachimbos importados passou a ser realmente significativa a partir da segunda metade do século XIX.

Gráfico 3 -Zona Portuária do Rio de Janeiro - Etapa 1: Origem dos cachimbos.



É interessante mencionar que tal como foi intensa a presença de importações de cachimbos franceses também o foram as alusões à França nos nomes dos estabelecimentos comerciais que lidavam direta ou indiretamente com o fumo. No Rio de Janeiro, em 1824, havia a *Loja Francesa*; em 1872, o *Templo de Pariz*, ambas lojas de produtos genéricos que comercializavam também cachimbos. Essa influência francesa é notada também em alguns anúncios de cachimbos que detalhavam os tipos específicos disponíveis para a venda, apoiando-se no produto francês, como é o caso da *Casa do Bond*, comércio especializado em produtos associados ao tabaco, localizado na Praça de Pedro II (também denominada à época de pátio da Matriz, hoje Praça Tiradentes), nº 12, Rio de Janeiro, em 1881[12], que anuncia especificamente cachimbos de louça dessa proveniência.

A influência francesa se fez forte no mundo e no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Bahia, no que se refere à elite econômica, social ou intelectual. Além disso, ela se fez a mais presente influência estrangeira, não obstante as mercadorias inglesas que chegavam aos montes naquele século e as tarifas alfandegárias que então as protegiam. Conforme Benjamin, em obra de 1939, Paris foi a capital do século XIX (BENJAMIN, 2013). Segundo Viotti da Costa (2000), via-se a influência francesa em vários âmbitos, até os mais cotidianos, como cabeleireiros, hoteleiros,

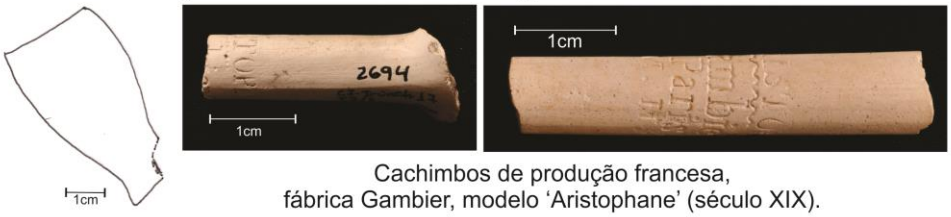
[12]**Jornal do Commercio.** 03 Jul. 1881. Rio de Janeiro. Ed. 183, p. 5.

restaurantes, costureiras e alfaiates, música, casas comerciais, remédios, livrarias, ensino e moda. Nós a vimos também nas tabacarias. A coleção de cachimbos da região do Valongo expressa essa influência francesa no Brasil, seguindo inclusive a forte predominância da França como o mais importante centro produtor europeu de cachimbos de caulim no século XIX, suplantando a antiga autoridade da Holanda e de Gouda.

Figura 5 -Zona Portuária do Rio de Janeiro - Etapa 1: Cachimbos, catálogos e propagandas da Gambier. Fotos e desenho dos materiais arqueológicos: Sarah Hissa.

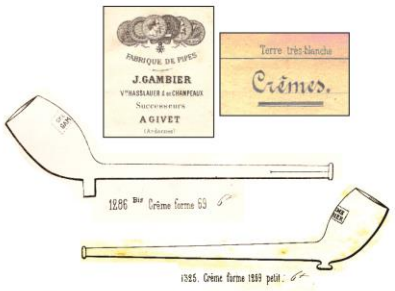


Cachimbos de produção francesa, fábrica Gambier, tipo 'Crême Nationale' (provavelmente modelo nº 1269, produzido ao menos entre 1839-1908.



Cachimbos de produção francesa, fábrica Gambier, modelo 'Aristophane' (século XIX).

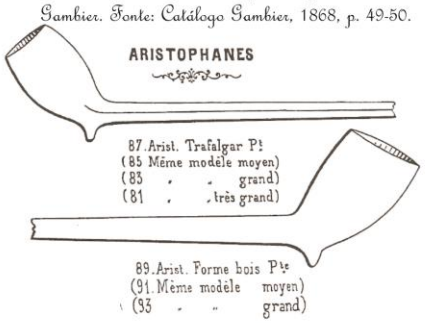
Alguns modelos Crêmes da fábrica Gambier. Adaptado de: Gambier, 1879, p. 83-85.





Propaganda dos cachimbos da série *Crême Nationale*. 1879. Domínio Público.

Alguns modelos Aristophanes, fábrica Gambier. Fonte: Catálogo Gambier, 1868, p. 49-50.





Propaganda dos cachimbos Néogènes, série *Aristophane*. 1886. Domínio Público.

Em pesquisa sistemática, porém restrita, realizada entre os anos de 1820 e 1849 nos periódicos *Diário Mercantil, Jornal do Commércio, O Despertador* e *Diário do Rio de Janeiro*, observou-se grande variedade nos países de origem de cachimbos importados. Essas importações para o Rio de Janeiro vieram de Hamburgo (Alemanha), Antuérpia (Bélgica), Londres, Gibraltar (Reino Unido), Montevideo (Uruguai), Trapani, Marselha e Gênova (Itália), Cette e Havre (França), e Nova Iorque (EUA).

Tabela 1 - Importações de cachimbos para o Rio de Janeiro, entre 1820 e 1849, segundo os periódicos mencionados.

Data do anúncio	Porto importador	Porto exportador	Item	Quantidade	
11/4/1825	Rio de Janeiro	Antuérpia	Cachimbos	1 caixa	**Diário Mercantil.** 11 abr. 1825. Rio de Janeiro. Importações. Ed. 126, p. 3.
27/6/1827	Rio de Janeiro	Gibraltar	Cachimbos	5 caixas	**Diário Mercantil.** 27 Jun. 1827. Rio de Janeiro. Importações. Ed. 141, p. 1.
14/01/1829	Rio de Janeiro	NI	Cachimbos	2 barricas	**Jornal do commercio**. 14 Jan. 1829. Rio de Janeiro. Importações. Ed. 379, p. 2.
17/5/1833	Rio de Janeiro	Gibraltar	Cachimbos	6 caixinhas	**Jornal do Commercio**. 17 Mai. 1833. Rio de Janeiro. Ed, 115, p. 3.
24/8/1835	Rio de Janeiro	Hamburgo	Cachimbos	1 caixa	**Jornal do Commercio**. 24 Ago. 1835. Rio de Janeiro. Ed, 184, p. 3.
19/01/1836	Rio de Janeiro	Montevideo	Cachimbos	50 caixinhas	**Jornal do Commercio**. 19 Jan. 1836. Rio de Janeiro. Ed, 14, p. 3.
07/11/1836	Rio de Janeiro	Genova	Cachimbos	2 cestos	**Jornal do Commercio**. 07 Nov. 1836. Rio de Janeiro. Ed, 242, p. 2.
11/9/1837	Rio de Janeiro	Londres	Cachimbos	1 caixa	**Jornal do Commercio**. 11 Set. 1837. Rio de Janeiro. Ed, 199, p. 3.
12/9/1837	Rio de Janeiro	Hamburgo	**Cachimbos de barro**	1 caixa	**Jornal do Commercio**. 12 Set. 1837. Rio de Janeiro. Ed, 200, p. 3.
26/10/1837	Rio de Janeiro	Cette	**Cachimbos de barro**	5 caixas	**Jornal do Commercio**. 26 Out. 1837. Rio de Janeiro. Ed, 238, p. 2.
11/01/1838	Rio de Janeiro	Hamburgo	Cachimbos	1 caixa	**Jornal do Commercio**. 11 Jan. 1838. Rio de Janeiro. Ed, 8, p. 3.
26/02/1838	Rio de Janeiro	Londres	**Cachimbos de ferro**	15 unidades	**Jornal do Commercio**. 26 Fev. 1838. Rio de Janeiro. Ed, 45, p. 2.
21/02/1839	Rio de Janeiro	Londres	Cachimbos	3 caixas	**O despertador.** 21 fev. 1839. Rio de Janeiro. Ed. 267, p. 3.
28/3/1839	Rio de Janeiro	Marselha e Gênova	Cachimbos	1 caixa	**Jornal do Commercio**. 28 Mar. 1839. Rio de Janeiro. Ed, 71, p. 3.
18/5/1839	Rio de Janeiro	Hamburgo	Cachimbos	8 caixas	**Jornal do Commercio**. 18 Mai. 1839. Rio de Janeiro. Ed, 112, p. 3.
29/2/1840	Rio de Janeiro	Portvendre	Cachimbos	3 caixas	**O despertador.** 29 Fev. 1840. Rio de Janeiro. Ed. 579, p. 3.
05/5/1840	Rio de Janeiro	Londres	Cachimbos	1 caixa	**O despertador.** 05 Mai. 1840. Rio de Janeiro. Ed. 640, p. 3.
21/7/1840	Rio de Janeiro	Nova Iorque	**Cachimbos de barro**	100 unidades	**O despertador.** 21 Jul. 1840. Rio de Janeiro. Ed. 710, p. 3.
30/3/1843	Rio de Janeiro	Hamburgo	Cachimbos	50 caixas	**Diário do Rio de Janeiro**. 30 Mar. 1843. Rio de Janeiro. Ed. 72, p 3.
26/11/1845	Rio de Janeiro	Londres	Cachimbos	10 caixas	**Jornal do Commercio**. 26 Nov. 1845. Rio de Janeiro. Ed, 322, p. 3.
12/6/1846	Rio de Janeiro	Londres	Cachimbos	3 caixas	**Jornal do Commercio**. 12 Jun. 1846. Rio de Janeiro. Ed, 161, p. 3.
16/6/1846	Rio de Janeiro	Itália (Trapani)	Cachimbos	20.000 unidades	**Diário do Rio de Janeiro**. 16 Jun. 1846. Rio de Janeiro. Ed. 7232, p. 3.
16/02/1847	Rio de Janeiro	Hamburgo	Cachimbos	10 caixas	**Diário do Rio de Janeiro**. 16 Fev. 1847. Rio de Janeiro. Ed. 7430, p 3.
18/02/1848	Rio de Janeiro	Havre	**Cachimbos de barro**	10 grosas	**Jornal do Commercio**. 10 Fev. 1848. Ed, 41, p. 2.
21/8/1848	Rio de Janeiro	EUA	Cachimbos	200 caixas	**Diário do Rio de Janeiro**. 21 Ago. 1848. Rio de Janeiro. Ed. 7873, p. 3.
16/10/1848	Rio de Janeiro	Hamburgo	Cachimbos	201 caixas	**Diário do Rio de Janeiro**. 16 Out. 1848. Rio de Janeiro. Ed. 7920, p 3.

Nota-se que essa breve investigação, que apontou 26 eventos de importação de cachimbos para o curso de 29 anos, não corresponde à predominância francesa identificada no material arqueológico. O confronto entre o registro arqueológico e o registro documental expõe aqui uma diferença: enquanto a restrita varredura feita em periódicos de época indica importações de diferentes centros produtores, a amostra arqueológica confirma essa diversidade, mas aponta para uma expressiva prevalência da França entre os fabricantes dos cachimbos utilizados na região do Valongo. Isso pode decorrer de três razões. Primeira, estudou-se uma amostra documental demasiado pequena (somando apenas pouco menos de três décadas em quatro periódicos). Em segundo lugar, considerando que o porto do Rio de Janeiro recebia e despachava mercadorias por meio de cabotagem e carregamentos terrestres para várias outras localidades, trata-se de uma amostra arqueológica também diminuta e geograficamente enviesada (a zona portuária nas imediações dos Cais do Valongo / da Imperatriz). Esses cachimbos recebidos não necessariamente foram consumidos na área em que foram descarregados, de modo que seria demasiadamente simplista esperar que os cachimbos mencionados nos manifestos estariam depositados onde possivelmente foram recebidos.

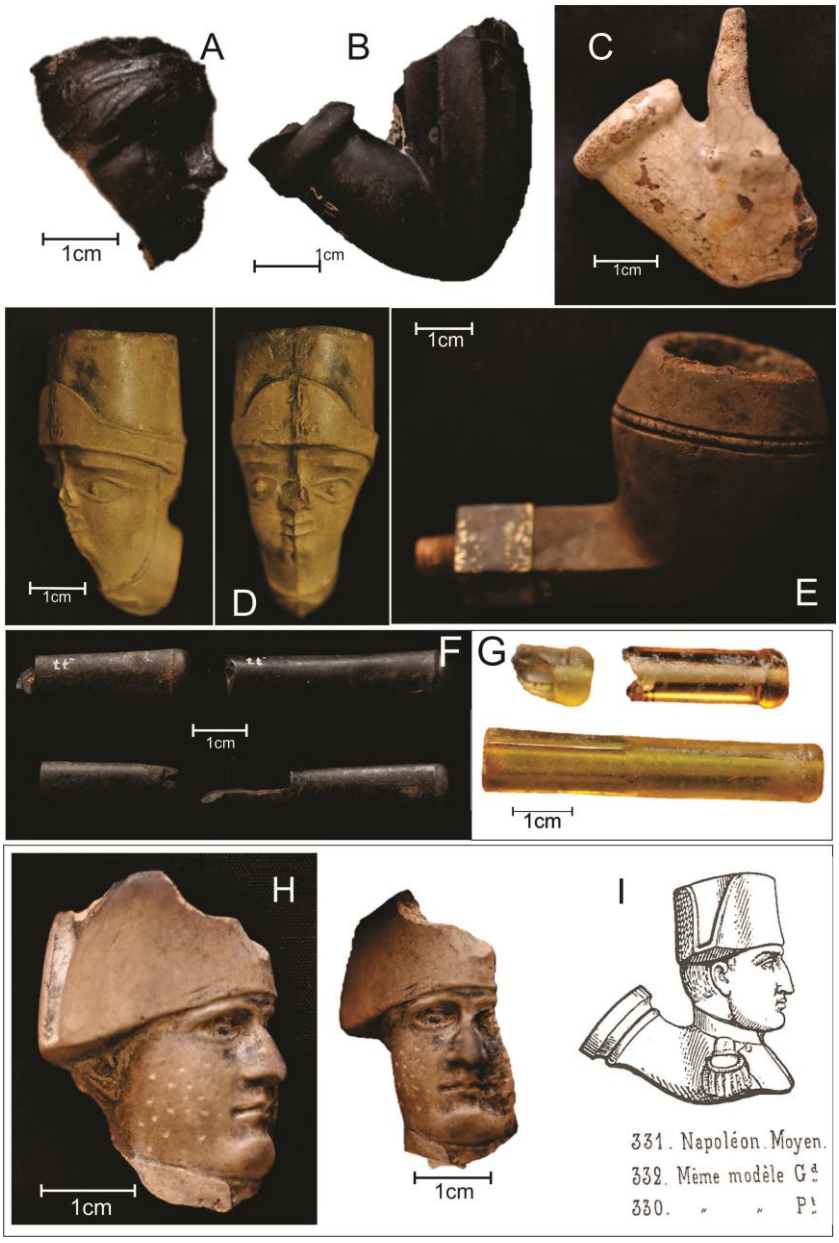
Pode ser também que a zona portuária correspondia a um setor da cidade onde circunstancialmente cachimbos franceses foram majoritários. Em terceiro, estudou-se de forma sistemática, neste texto, somente os cachimbos de caulim de haste integrada. Lembra-se que, nos manifestos de importação desses periódicos comerciais, foram mencionados especificamente somente cachimbos de barro e de ferro. Já as menções inespecíficas ao tipo de cachimbo podem ter incluído exemplares de várias constituições: louça, barro, madeira, betouro, escuma do mar, porcelana e raramente metal. Nesse sentido, os cachimbos mencionados nesses poucos manifestos podem simplesmente não ser de caulim, de modo que não estariam neste artigo. Especialmente os italianos e alemães, por exemplo, podem ter sido facilmente feitos também em madeira.

Entre os cachimbos europeus de cerâmica, seja ela caulinítica ou de argilas vermelhas, há cachimbos de haste longa e mini (*cutty*), ambos tipos com haste ou piteira integrada. Há também os cachimbos curtos. Eles foram introduzidos em meados do século XIX e logo dominaram o mercado. Também se tornaram populares a partir da influência dos cachimbos de raiz de betouro ou urze-molar. Requeriam piteiras de encaixe, feitas separadamente, que podiam ser trocadas com facilidade, preservando melhor o restante do cachimbo e possibilitando mudar a aparência do aparato. As piteiras podiam ser feitas de osso, para cachimbos mais baratos, âmbar, para os mais caros, e, posteriormente à sua invenção, sintéticos como a vulcanite (borracha dura) e a celuloide (plástico maleável), após c. 1865. Algumas piteiras de celuloide imitam a aparência do âmbar, com coloração amarela e transparência.

Vários desses cachimbos de raiz de betouro foram identificados na coleção aqui em estudo. Eles também estiveram decerto incluídos nos manifestos de carga. Além dos cachimbos curtos europeus, cuja produção expressa novamente forte influência estilística francesa, há também peças estadunidenses, que podem ter sido coletadas no material arqueológico e referidas como de barro, a julgar pela coloração da argila utilizada no referido centro produtor.

De todo modo, essas amostras já indicam dois pontos significativos a se ressaltar e discutir futuramente, sob posse de mais dados. Esses são, como já disposto, os variados centros produtores dos quais o Brasil importava cachimbos, em geral no século XIX, e a influência francesa nos cachimbos de caulim de haste integrada identificados arqueologicamente naquele trecho da zona portuária.

Figura 6 - Zona Portuária do Rio de Janeiro – Etapa 1: Cachimbos curtos europeus e piteiras de encaixe. A: Cabeça de turco, em superfície enegrecida. B: Superfície enegrecida. C: Vitrificação externa. D: Efígie. E: Cachimbo de madeira, formato buldogue, para piteira de encaixe em rosca. F: Piteiras de vucanite. G: Piteiras de celulóide, em imitação de âmbar. A partir de c. 1865; H: Efigie Napoleão Bonaparte. Fábrica Gambier, França, 1868. Notar ponteados na bochecha direita da efígie. Fotos: Sarah Hissa. I: Fonte: Gambier, 1868, p. 09.



OS USUÁRIOS DE CACHIMBOS BRANCOS NA REGIÃO DO VALONGO

Para se discutir o consumo de cachimbos de caulim no Rio de Janeiro, há que se considerar também os preços atribuídos a eles em periódicos oitocentistas, os tipos de cachimbos identificados e o contexto histórico dos locais onde eles foram recuperados através da pesquisa arqueológica.

Primeiramente remetemos aqui à venda *Templo de Pariz*, na R. da Carioca, nº 79[13], que comercializava em 1872 cachimbos de caulim e de raiz de betouro pelo mesmo preço,

[13]**A Nação: Jornal politico, commercial e litterario.**23 out. 1872. Rio de Janeiro. Annuncios. Ed. 96, p. 4.

ou à *Casa do Bond*, na Praça de Pedro II, nº 12[14], que comercializava em 1881 cachimbos de louça de segunda, louça francesa e porcelana, todos com preço mais alto que os de raiz. Observamos que os cachimbos de caulim eram vendidos mais caros ou em preço equiparado aos de raiz de betouro, muito em voga no século XIX. Havia então um mercado para sofisticados e custosos cachimbos de caulim no Rio de Janeiro, associando a origem francesa a um refinado público consumidor.

Em seguida, destacamos que os cachimbos da região do Valongo incluem exemplares de centros produtores importantes à sua época, mas que correspondem geralmente a variedades mais baratas. Por exemplo, apesar de haver nas imediações do Valongo cachimbos fabricados na França, como as séries *Aristophane* e *Crême*, da *Gambier*, descritas aqui, estão ausentes os modelos mais sofisticados com efígies humanas ou animais, feitos em moldes intrincadamente ornados e descritos nos catálogos da mesma fábrica. De modo geral, apesar de exibirem alguma qualidade de execução (polimento, limpeza da costura do molde e tipo de argila), não ostentam decorações rebuscadas ou especialmente caras.

Com base no que foi discutido até aqui, pensa-se em dois contextos que envolveram o consumo desses cachimbos no Rio de Janeiro nos oitocentos. Um deles remete aos poucos itens vendidos nas lojas por altíssimos preços, importados para serem usados apenas nas residências, nas salas de fumar ou em eventos, como elemento de ostentação e luxo. Se isso for de fato mais que uma especulação, novas escavações arqueológicas em espaços claramente privilegiados poderão recuperar alguma peça indicativa. Significativamente eles não figuram na coleção estudada, não tendo sido usados ou descartados no Valongo e suas imediações. O outro contexto de consumo de cachimbos de caulim provavelmente está relacionado à classe trabalhadora, em se tratando de uma zona portuária, no caso, aos comerciantes de mercadorias e de africanos escravizados e seus marinheiros. No século XIX, esses comerciantes não eram somente portugueses, assim como os marujos que os auxiliavam. Mas tão cosmopolitas, que se tornou impossível saber de onde vinham, com as tripulações multinacionais formadas desde o embarque no navio – incluindo até mesmo escravos fugidos, forros, indígenas, além de europeus de diversas nacionalidades – até a cidade portuária. Eles teriam acesso a esses objetos no exterior, trazendo-os consigo como parte de seu instrumental do fumo. Poderiam também adquirir os cachimbos de caulim de menor qualidade e preço vendidos nas lojas da cidade.

O Rio de Janeiro em meados do século XIX, como propôs Jeha (2015), era uma encruzilhada, porquanto ponto estratégico nas rotas marítimas internacionais e no próprio império do Brasil, além de conter forças latentes de transformação. Os marujos que utilizavam a cidade em seus momentos de lazer, por vezes, após muito tempo no mar, agiam conforme seus impulsos até então reprimidos. Faziam das ruas, das tavernas e das estalagens locais vibrantes, onde tudo podia acontecer. Associavam-se ao consumo de álcool, à prática de crimes, diversão, badernas, prostituição, verdadeiras explosões de quem estava até então contido nos navios. Isso estigmatizava os marinheiros como gente perigosa e desordeira. A grande quantidade desses indivíduos transitando temporariamente pela zona portuária criava então uma marginalidade cosmopolita, aos quais se somavam escravos de ganho, forros, ciganos, imigrantes de baixa qualificação, entre muitos outros. Podem ter sido esses homens do mar alguns dos consumidores dos cachimbos brancos de baixo custo encontrados na região do Valongo, a par dos comerciantes de gêneros que fervilhavam na praça adjacente e dos trapicheiros das imediações, entre tantos outros.

[14]**Jornal do Commercio**. 03 Jul. 1881. Rio de Janeiro. Ed. 183, p. 5.

Entre os cachimbos da coleção, um exemplar curto para inserção de piteira com a efígie de Napoleão Bonaparte chamou a atenção. Ele foi identificado como da fábrica Gambier, da segunda metade do século XIX. O mais interessante e particular nesse cachimbo está no ponteado feito deliberadamente nas bochechas da efígie do imperador francês. Certamente não foi algo saído de fábrica, mas feito durante seu uso e antes do descarte. Não é difícil imaginar uma cena na qual um homem, por certo um marujo estrangeiro ou mesmo francês, durante uma conversa ou num momento de contemplação regado à fumaça do tabaco, vê seu cachimbo apagar. O fumante, ainda entretido, distrai-se com objeto pontiagudo a "decorar" a face de Napoleão com um ponteado, ridicularizando-o. O resultado remete a sardas, espinhas ou bexigas, o que decerto deve ter provocado boas risadas...

Se de fato essa hipótese procede, os cachimbos de segunda categoria indicados nos anúncios comerciais podem corresponder, ainda que não diretamente, mas qualitativamente, aos cachimbos identificados arqueologicamente, aqui em estudo. Mesmo estando eles aparentemente mais associados a classes com menor poder aquisitivo, em parte mercadores e marujos estrangeiros como se aventa aqui, é admissível que esses objetos, considerados mais simples e corriqueiros na Europa, possam ter sido de alguma forma ressignificados no Brasil. Considera-se que os vários utensílios do fumo – charutos, cachimbos de várias constituições e cigarros – e demais veículos do tabaco, como o rapé e o de mascar, foram ordenados e utilizados sob diversas gradações de valor e em múltiplas nuances identitárias. Nesse sentido, esses objetos podem ter sido vistos a partir de uma valorização adicional, pelo fato de serem importados, sobretudo se franceses, e possivelmente em oposição aos de barro produzidos aqui. Isso não é o mesmo que sugerir que teriam sido entendidos como artefatos de luxo, como um dos extremos de uma dicotomia ou dualidade. Sua condição de elemento importado não o tornava um item das elites, tendo em vista que não apenas a presença de estrangeiros foi uma constante no Rio de Janeiro, como, acima de tudo, a esmagadora maioria do que era consumido então na cidade vinha do exterior. De tal forma que os cachimbos das classes dominantes permaneceram como um meio de diferenciação social, graças ao seu custo elevado; mas sucedâneos de baixo custo se disseminaram entre as classes trabalhadoras, como observado na amostra recuperada na região do Valongo. No entanto, insinua-se aqui que os cachimbos de caulim de segunda categoria podem ter distinguido seus usuários dos fumantes mais empobrecidos, cujas margens de escolha dos seus apetrechos fumageiros eram muito mais limitadas.

Tais cachimbos podem ter simbolizado também algo não tão estreitamente associado ao poder de consumo. Os mercadores do baixo comércio e os marujos faziam parte dos segmentos subalternos da sociedade e eram maculados pela atividade laboral. Ainda, essas ocupações remetiam cada vez mais à aventura, ao novo e à integração mundial que o comércio promovia. Esses cachimbos, mesmo de menor qualidade, podem tê-los envolvido na brisa de modernidade, de conexão e de globalização que se instaurava.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, pelo acesso à coleção do Valongo, sob a sua guarda; ao Prof. Dr. David Higgins (Universidade de Liverpool), por algumas informações gentilmente cedidas sobre a produção inglesa de cachimbos de caulim; e à Jan van Oostveen, pelo auxílio com a identificação de algumas das peças holandesas aqui apresentadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATKINSON, David & OSWALD, Adrian. 1969. London clay tobacco pipes. *The Journal of the British Archaeological Association*, v. 32, p. 171-227.

BENJAMIN, Walter. 2013. Paris, a capital do século XIX. In: *Textos de Walter Benjamin*, pp. 30-43. Disponível em:<<https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com>>. Acesso em 03/01/2018.

BINFORD, Lewis. 1978. A new method of calculating dates from kaolin pipe stem samples. In: SCHUYLER, R (Ed.). *Historical Archaeology: a guide to substantive and theoretical contributions*. Nova Iorque, Bayood Publishing Company Inc, pp.66-67.

BRADLEY, James & DEANGELO, Gordon. 1981. European clay pipe marks form 17th century Onondaga Iroquois sites. *Archaeology of Eastern North America*, v. 9, p. 109-133.

CAVALCANTI, Nireu. 2004. O Rio de Janeiro Setecentista. A vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte. Rio de Janeiro: Jorge ZaharEditores.

COSTA, Emília Viotti. 2000. Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX. *Revista de História,* USP, São Paulo, 142-143:277-308.

DUCO, Don. 1987. *De Nederlandse Kleipijp*, Leiden: Museu do Cachimbo.

DUCO, Don. 2004. *The European clay pipe*: its flourish and ultimate fall, 1830-1940. Amsterdã: Pijpenkabinet. 192pp.

ELTIS, David &HALBERT, Martin (ed.). 2008. *Voyages: Trans-Atlantic Slave Trade Database*, http://www.slavevoyages.org.

FAVETON, Pierre. 1988. *Autour Du tabac: Tabatières, pipes, cigars, allumettes e briquets.* Paris: Editor Charles Massin.

FAZENDA, José Vieira. 2011. Antiqualhas e Memórias do Rio de Janeiro. DocumentaHistórica [1919-1924]. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vols. I a V.

FLORENTINO, Manolo. 1997. *Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro: séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.

FLORENTINO, Manolo; RIBEIRO, Alexandre; SILVA, Daniel. 2004. Aspectos Comparativos do Tráfico de Africanos para o Brasil (Séculos XVIII e XIX). *Afro-Ásia* 31: 83–126.

GAMBIER. 1868. *Fabrique de pipes:* Vve Hasslauer successeur de Gambier, Givet, L. de Lacourt. 104pp.

GOES, Benedict. 1993.*The intriguing design of Tobacco Pipes.* Leiden: Pijpenkabinet.

GOJAK, Denis & STUART, Iain.1999. The potential for the archaeological study of clay tobacco pipes from Australian sites. *Australasian Historical Archaeology*, v. 17.

HAMMOND, Peter. 1987. The London commercial agents of French clay pipe manufacturers Fiolet and Audebert Fiolet. *Society for clay pipe research newsletter*, n. 15.

HARRINGTON, Jean Carl. 1978. Dating stem fragments of Seventeenth and Eighteenth century clay tobacco pipes. In: SCHUYLER, R (Ed.). *Historical Archaeology: a Guide to Substantive and Theoretical Contributions*. Nova Iorque, Bayood Publishing Copany Inc., pp: 63-65.

HIGGINS, David. 2009. England. In: HIGGINS, David. (ed.). *Journal of the Académie Internationale de la Pipe: National Clay Pipe Summaries*, v. 2.

HISSA, Sarah de Barros Viana. 2018. O *petyn* no cachimbo branco: arqueologia e fumo nos séculos XVII ao XIX. *Tese de Doutorado em Arqueologia*, Rio de Janeiro, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 554pp.

HISSA, Sarah de Barros Viana. 2019a. Brancos, castanhos e vermelhos: cachimbos arqueológicos de cerâmica no Forte Orange. *Vestígios*: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, v.1, p.3-28.

HISSA, Sarah de Barros Viana. 2019b. O pito (de) holandês: cachimbos arqueológicos de caulim do Recife e de Salvador. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v.14(3), p.963-979.

HISSA, Sarah de Barros Viana. 2020. Fumo e cachimbos importados na São Paulo oitocentista. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* (no prelo).

HISSA, Sarah de Barros Viana & LIMA, Tania Andrade. 2017. Cachimbos europeus de cerâmica branca, séculos XVI ao XIX: parâmetros básicos para análise arqueológica. *Anais do Museu Paulista: História, cultura e material*, São Paulo, 25:225-268.

HONORATO, Cláudio. 2008. Valongo: o Mercado de escravos do Rio de Janeiro, 1758-1831. *Dissertação de Mestrado*. Niterói, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense. 166pp.

HUME, Ivor Noël. 2001. *Artifacts of Colonial America.* Filadélfia: University of Pennsylvania Press.

JEHA, Silvana. 2015. A cidade-encruzilhada: O Rio de Janeiro dos marinheiros, século XIX. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 9:77-89.

KARASCH, Mary. 2000. *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850.* São Paulo: Companhia das Letras.

KENYON, Thomas & KENYON, Ian. 2008.*19th Century notes*. Londres, Ontario Archaeological Society. 42pp.

LAMARÃO, Sérgio. 2006. *Dos trapiches ao porto*. Rio de Janeiro, Prefeitura do Rio de Janeiro. 174pp.

LAWRENCE, Susan &DAVIES, Peter.2011. *An Archaeology of Australia since 1788.* Nova Iorque: Spriger.

LIMA, Tania Andrade. 2013a. Arqueologia como ação sociopolítica: o caso do Cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX. *Vestígios*: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, Belo Horizonte, 7(1):181-207.

LIMA, Tania Andrade. 2013b. Relatório Final Cais do Valongo / Cais da Imperatriz. Relatório de Atividades, depositado na Superintendência do Iphan no Rio de Janeiro.

LIMA, Tania Andrade; SOUZA, Marcos André Torres de; SENE, Gláucia. 2014. Weaving the second skin: protection against evil among the Valongo slaves in nineteenth-century Rio de Janeiro. Journal of African Diaspora Archaeology & Heritage. Londres, 3(2):103-136.

LIMA, Tania Andrade; SENE, Gláucia; SOUZA, Marcos André Torres de. 2016. Em busca do Cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, 24(1):299-391.

MALLIOS, Seth. 2005. Back to the bowl. *Historical Archaeology*, v. 39, n. 2, p. 89-10.

MELLO NETO, Ulysses Pernambucano de. 1977a. O Galeão Sacramento (1668): Um naufrágio do século XVII e os resultados de uma pesquisa de arqueologia submarina na Bahia (Brasil). *Revista Navigator*, v. 13, p. 7-40.

MELLO NETO, Ulysses Pernambucano de. 1977b. O fumo no nordeste, 1500-1654. *Revista do Instituto arqueológico, histórico e geográfico pernambucano*, Recife, v. XLIX, p. 253-292.

MELLO NETO, Ulysses Pernambucano de. 1983. *O Forte das Cinco Pontas.* Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife.

OOSTEVEEN, Jan Van. 2001. Kleipijpen: eenstatistische analyse. *Westerheem: tijdschriftvoor de Nederlandse archaeologie*. AWN, p. 31-27.

OSWALD, Adrian. 1967. *English clay tobacco pipes*. Londres: British Archaeological Association.

OSWALD, Adrian. 1975. *Clay pipes for the archaeologist*. British Archaeological Reports, Oxford, 14. 207pp.

PEREIRA, Júlio Cesar Medeiros. 2007. *À flor da terra: o cemitério de pretos novos no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Garamond, Iphan.

PERROTTA, Isabella. 2011. Desenhando um Paraíso Tropical. *Tese de doutorado em História*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas. 109pp.

RECKNER, Paul. 2016. Home rulers, red hands, and radical journalists: Clay pipes and the negotiation of working-class Irish/Irish American identity in late-nineteenth-century Paterson, New Jersey. In: RAFFERTY, Sean e MANN, Rob. *Smoking and Culture*: The archaeology of tobacco pipes in eastern North America. Knoxville: The University of Tennessee Press. p. 241-272.

RECKNER, Paul & DALLAL, Diane. 2000. *Tales of five points*: *Working-class life in Nineteenth-century New York. Vol VI.* West Chester, US General Services Administration. 302pp.

RIBEIRO, Berta. 1985. *A arte do trançado dos índios do Brasil*: Um estudo taxonômico. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.

ROHAN, Henrique de Beaurepaire. 1968. Remodelação do Rio de Janeiro. Relatório apresentado à Câmara Municipal em 1843. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Separata do v. 275. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

VALADÃO, Regina. 2012. Tradição e criação, memória e patrimônio: a revitalização da zona portuária do Rio de Janeiro. *Dissertação de mestrado em Memória Social,* Rio de Janeiro, UNIRIO. 259pp.

WALKER, Iain. 1970. Nineteenth-century clay tobacco pipes in Canada. *Ontario Archaeology*, 16:19-35.

WHITE, Susan. 2004. Draft guidelines for using the clay tobacco pipe record sheets. In: WHITE, Susan. *The Dynamics of Regionalization and Trade: Yorkshire Clay Tobacco Pipes c. 1600-1800,* The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe, XVIII, British Archaeological Reports (British Series 374), Oxford, p. 487-490.

WHITE, Susan. 2015. Clay tobacco pipes. In: ANDREWS, Phil. *Riverside Exchange Sheffield*. Wessex Archaeology. pp. 20-29.